

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS (FACH)
CURSO DE HISTÓRIA (LICENCIATURA)

BRUNO DA SILVA AGUILERA

**PONTOS EM COMUM: FASCISMO, INTEGRALISMO E BOLSONARISMO
EM ANÁLISE**

Campo Grande, MS

2024

BRUNO DA SILVA AGUILERA

**PONTOS EM COMUM: FASCISMO, INTEGRALISMO E
BOLSONARISMO EM ANÁLISE**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao curso de História
(Licenciatura) da FACH na
Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul como requisito para a obtenção do
título de Licenciado em História.
Orientador: Prof. Dr. Samuel de Jesus.

Campo Grande MS

2024

*“Na amurada da ponte
A cabeça dos enforcados
Na água da fonte
A baba dos enforcados*

*No calçamento do mercado
As unhas dos fuzilados
Na grama seca do prado
Os dentes dos fuzilados*

*Morder o ar morder as pedras
Nossa carne não é mais de homens
Morder o ar morder as pedras
Nosso coração não é mais de homens*

*Mas nós lemos nos olhos dos mortos
E na terra a liberdade havemos de
fazer
Mas estreitaram-na os punhos dos
mortos
A justiça que havemos de fazer.”*

Francisco Fortini

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 - CONCEITUANDO O FASCISMO E O INTEGRALISMO	10
1.0 Os perigos do totalitarismo	10
1.1 A História do tempo presente.....	11
1.2 A dificuldade no entendimento dos regimes fascistas.....	12
1.3 O termo “fascismo”	14
1.4 O ódio pelos demais	15
1.5 Culto ao Líder.....	18
1.6 A questão do antissemitismo	20
1.7 Nacionalismo exacerbado.....	21
1.8 Conceituando o fascismo.....	21
CAPÍTULO 2 - O QUE FOI O INTEGRALISMO.....	23
2.0 As origens do Integralismo.....	23
2.1 à quase ascensão do Integralismo ao poder.....	24
2.2 Fascismo à moda brasileira	25
CAPÍTULO 3 - BOLSONARO, SEU FLERTE COM O INTEGRALISMO E FASCISMO.....	28
3.0 O cidadão de bem e o bolsonarismo	28
3.1 Bolsonarismo e o ódio aos demais	30
3.2 O “Mito”.....	31
3.3 Discurso nacionalista e neonazismos.....	32
3.4 Figuras igualmente problemáticas	35
3.5 Semelhanças do bolsonarismo com o fascismo e integralismo.	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

PONTOS EM COMUM: FASCISMO, INTEGRALISMO E BOLSONARISMO EM ANÁLISE

RESUMO. Este estudo tem como objetivo analisar a presença e a evolução de elementos fascistas na história política brasileira, analisando, em suma, o movimento integralista da década de 1930, o colocando em comparação ao governo liderado por Jair Messias Bolsonaro. A hipótese é que elementos fascistas estiveram presentes de forma intermitente, caracterizados por autoritarismo, nacionalismo extremo, conservadorismo social e populismo de direita, impactando a estabilidade democrática e gerando polarização política. O estudo irá conceituar o fascismo, compreender como os elementos fascistas estão inseridos na extrema direita brasileira e examinar como esses elementos se manifestaram nas últimas décadas tratando, em especial dois movimentos de massa brasileiros: o integralismo e o bolsonarismo - movimento ideológico de apoio ao governo de Jair Messias Bolsonaro. O estudo é crucial para compreender a presente situação política de nosso país, assim como, prevenir que esses regimes totalitários ganhem força no território brasileiro. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, realizada através de livros, artigos acadêmicos, periódicos e sites especializados quanto ao tema escolhido.

Palavras-chave: Bolsonarismo. Fascismo. Integralismo.

INTRODUÇÃO

O Brasil, ao longo de sua história, tem enfrentado períodos de turbulência política e social, nos quais elementos fascistas e autoritários emergiram em diferentes momentos, desde o integralismo – movimento político no Brasil na década de 1930, do qual visava criar um estado nacionalista baseado nos princípios do catolicismo e do fascismo – até o governo de Jair Bolsonaro, que assumiu o poder em 2019.

Um espectro político que tem sido objeto de crescente escrutínio e discussão é o fascismo. Embora o fascismo seja frequentemente associado à Europa do século XX, suas manifestações e influências não se limitaram apenas a esta região. O Brasil, de maneira peculiar, presenciou a presença de elementos fascistas em diferentes momentos de sua trajetória política. Desse modo, o tema do presente estudo é a análise dos pontos em comum do fascismo, integralismo e bolsonarismo.

O problema de pesquisa do presente estudo se traduz na seguinte questão: como e em que medida os elementos fascistas se manifestaram nestes dois momentos da história política brasileira partindo da análise de ambos – O integralismo e o bolsonarismo. Partindo desta premissa, a presente pesquisa coincide em demonstrar quais são os impactos desses elementos na democracia, na sociedade e nas instituições políticas do Brasil e, o mais importante, como identificar estes elementos.

A hipótese do presente estudo é que, ao longo da história política brasileira, elementos fascistas estiveram presentes de forma intermitente, manifestando-se em diferentes momentos e contextos, desde o integralismo na década de 1930, permanecendo presentes na direita brasileira e no governo de Jair Bolsonaro. E por que desta presença incessante? Pois bem, o autoritarismo, nacionalismo exacerbado, culto ao líder, ódio aos demais e necessidade de salvação, são alguns dos elementos centrais dos quais desempenharam um papel significativo na política, na cultura e na sociedade do Brasil, impactando a estabilidade democrática e gerando polarização política. A presença desses elementos fascistas representa um desafio à consolidação da democracia brasileira e à proteção dos direitos humanos, promovendo divisões e conflitos na sociedade e nas instituições políticas, atacando indireta e, por vezes, diretamente a democracia.

A justificativa do presente estudo decorre do fato de que, o integralismo, como movimento com elementos fascistas no Brasil, e o governo de Jair Bolsonaro, caracterizado

por políticas conservadoras e autoritárias, trazem luz ao fato de que tais episódios se encaixam em um continuum político e ideológico que reflete elementos do fascismo, ao mesmo tempo em que, considerando as especificidades e nuances, tornam a experiência brasileira única. em um país marcado pela diversidade cultural e pela complexidade de sua formação política. Compreender como os elementos fascistas se manifestam e influenciam os rumos políticos é crucial para compreender a proposta deste trabalho.

Tem-se por objetivo geral analisar e contextualizar esses elementos fascistas, identificando sua influência na política integralista e para o surgimento do bolsonarismo. Como objetivos específicos pretendem-se: conceituar o fascismo, o integralismo e o bolsonarismo e compreender quais são as diferenças e semelhanças entre estes três movimentos e como as semelhanças estão incrustadas na extrema-direita brasileira, e, em concreto, no governo de Jair Bolsonaro, examinando por fim, o porquê destes elementos terem perdurado até os dias de hoje, com o bolsonarismo

O fascismo é um conceito complexo para se trabalhar, pois, o mesmo apresenta diversas nuances, sobretudo na sua definição plena. Por esse motivo, este fenômeno possui diversas formas de ser apresentado, bem como muitas discordâncias internas no meio acadêmico. (Bobbio, 2008)

Para que o problema da definição do fascismo não seja um problema no presente trabalho, foi necessário um recorte teórico no que toca a apresentação do fascismo para si, sendo escolhido para a análise do primeiro capítulo, o fascismo italiano, por ser um dos fundadores deste tipo de regime, além de utilizar do aspecto do antissemitismo do fascismo alemão. (Bobbio, 2008)

O antissemitismo alemão, que também será trabalhado no primeiro capítulo, é a consequência da falta de contato entre as camadas mais baixas da população alemã e os representantes judeus, já que sua importância política se deteriorou com o tempo, ao passo que o ódio do povo foi incendiado pelos fascistas na criação desse novo inimigo que possuía muito capital e pouca ação na política alemã. (Arendt, 2013)

A importância do estudo de caso do antissemitismo alemão se dá pelo fator social da criação de um inimigo, que carrega consigo semelhanças grandes no que toca outros movimentos totalitários a serem trabalhados: integralismo e bolsonarismo.

A escolha do fascismo italiano como um dos objetos centrais é subjetiva e pretende correlacionar este fascismo com os demais objetos a serem estudados. É importante dizer também que este objeto de interesse será analisado partindo da premissa de que o mesmo é um movimento histórico, podendo se metamorfosear conforme as diferenças de

tempo/espço. (Paxton, 2007)

Seguindo a linha do fascismo enquanto um movimento histórico, é importante também que seja posto em evidência a maneira pela qual as massas reagiram a estes movimentos, para que possamos compreender o porquê de vários dos elementos do fascismo terem perdurado desde o movimento integralista no Brasil (1932-1938) até o movimento bolsonarista (2018-2022). (Reich, 1993)

A dificuldade de compreensão e categorização do fascismo é um trabalho árduo e, como já dito anteriormente, que possui muitas discordâncias no âmbito acadêmico. Apesar da base do estudo do presente trabalho se voltar mais para alguns autores principais para a bibliografia, como Wilhelm Reich, Robert O. Paxton, George Orwell, Hannah Arendt, etc., ainda assim, alguns artigos acadêmicos foram utilizados para enriquecer as perspectivas quanto aos objetos de estudo, principalmente no que diz respeito ao integralismo, aos conceitos centrais para o entendimento dos temas trabalhados e ao bolsonarismo.

O integralismo será tratado no segundo capítulo, partindo da análise histórica do regime, com informações buscadas através de artigos acadêmicos e literatura clássica do movimento. Posteriormente, ainda no segundo capítulo, será colocada a comparação ao fascismo e, ainda mais a frente, ao bolsonarismo, trazendo luz à problemática principal: o porquê desses elementos continuarem aparecendo na política brasileira.

Os conceitos de comunismo, democracia, cidadania, “cidadão de bem” serão definidos no terceiro capítulo, justamente para que se possa entender o corpo geral do movimento bolsonarista. Além disso, um paralelo com o jornalismo se mostra importante ao passo em que, para analisar o movimento bolsonarista, serão usadas notícias e reportagens a fim de entregar sentido à análise teórica.

Pois bem, compreendendo o que é democracia, tanto por meio de teóricos, como por meio do que está dito na própria constituição brasileira (1988), partimos para a compreensão da cidadania, para que haja a elucidação geral de como devem ser tratados os cidadãos dos quais, pela lei, são dotados de direitos. (Carvalho, 2001)

Enquanto isso, o “cidadão de bem” se configura na versão de senso comum e manipulação midiática e messiânica política do que é ser um cidadão “do bem” em si. Este conceito se mostra importante ao passo em que se torna um modelo de comportamento para uma determinada massa populacional, encrustado na mentalidade do povo. (Jesus, 2019). Por fim, o presente estudo se alicerça na convergência e conversação dos elementos centrais de cada um dos movimentos a serem analisados, para que seja compreensível o porquê de existirem

tantos elementos problemáticos na política brasileira ainda na atualidade; e para que possamos prevenir as possíveis causas dessa continuidade de elementos fascistas no Brasil.

CAPÍTULO 1 - CONCEITUANDO O FASCISMO E O INTEGRALISMO

1.1 Os perigos do totalitarismo

Os perigos do totalitarismo fascista não se esvaem apenas ao descrevermos o que é, para si, um regime totalitário, isto é, existe a necessidade de definirmos o que o fascismo é enquanto movimento também, justamente por se tratar de fascismo, que é um regime de caráter populista. Devemos ter cuidado para que não seja gerado mais ódio a partir do entendimento do regime – que deve causar exatamente o oposto do que é o ódio. (Reich, 1993)

A escolha pessoal para pesquisar um movimento totalitário, seja por curiosidade ou necessidade, sempre deve acompanhar a responsabilidade para com a pesquisa. O motivo da ambição do projeto a ser pesquisado, deve acompanhar o cuidado teórico e, conseqüentemente, as conseqüências práticas, principalmente quando se trata de algo tão complexo quanto é o fascismo. (Bobbio, 2008)

A compreensão de como funciona o pensamento da massa tem uma função preventiva em relação aos movimentos neofascistas – movimentos populares atuais que, apesar de suas diferenças, possuem elementos centrais fascistas. Ou seja, é importante entendermos os instrumentos de manipulação utilizados pelos regimes fascistas. O entendimento de como funciona a manipulação das massas nos serve para que possamos impedir a ascensão destes regimes totalitários. (Arendt, 2013)

Todo ser humano comete erros. Podem ser erros práticos e bobos ou significativos e, geralmente, o que nos leva a acertar naquilo que tínhamos errado é admitir que erramos. Hannah Arendt diz que “A principal qualificação de um líder de massas é a sua infinita infalibilidade; jamais pode admitir que errou” (Arendt, 2013, p. 398), nos levando a crer de que esses líderes são superiores; são divindades messiânicas que servem ao povo com o objetivo de salvá-los de seus inimigos.

Os perigos do totalitarismo estão incrustados na mentalidade popular, trazendo um difícil desafio teórico imenso no que diz respeito à massa populacional. Devemos encontrar maneiras de alertar uma população que já está sendo manipulada por meio de propagandas falaciosas de figuras messiânicas. (Reich, 1993)

Para que exista a possibilidade de mudança de crença popular, ou melhor dizendo, da compreensão popular acerca da política que existe em nossa sociedade contemporânea, é preciso demonstrar os perigos também de maneira contemporânea, isto é, utilizando da

história do tempo presente como vetor para o conhecimento dos absurdos do fascismo.

1.2 A História do tempo presente

Para que possamos compreender e analisar de forma mais minuciosa as representações e analogias dos regimes e movimentos a serem estudados, existe a necessidade de alcançar uma leitura correta das fontes que nos foram dispostas. O interesse pelas mentalidades, pelo político e pelo cultural é, se não, um dos principais motivos que incendiou a vontade de se voltar ao contemporâneo presente. A cargo de exemplo, podemos lembrar de René Remond, em seu trabalho sobre as direitas nos anos 50, ou o trabalho realizado em 1963, intitulado de “A História imediata” de Jean Lacouture. (Chauveau; Tétart, 1999)

A compreensão do meio político é um dos elementos centrais e de importância transcendental no que diz respeito à história do tempo presente. Porém, existem também outros elementos a serem considerados, como o cultural, o econômico e o social, por exemplo. Cada elemento presente na sociedade pode e irá ser determinante para a história do tempo presente, isto é, a conexão entre os pontos centrais de uma sociedade é primordial para a compreensão desta história. (Chauveau; Tétart, 1999)

Ainda sobre a diferenciação das explicações acerca do presente para as diferentes profissões (entre historiadores e jornalistas):

Para os jornalistas, adiantaremos, entre outras razões, o papel da decomposição da imprensa nos anos 30 e o subsequente desejo de propor, desde 1945, um comentário mais rigoroso do presente, do imediato. Para os historiadores, trata-se, sobretudo, como dizíamos acima, da germinação de um pressuposto metodológico maior: a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente. (Chauveau; Tétart, 1999, p. 15)

Fica claro que a história do tempo presente surge partindo da demanda de “x” circunstância, ou seja, da necessidade de explicação acerca de acontecimentos e processos contemporâneos. A utilização dos meios de comunicação, como o uso da imprensa e da mídia, são fundamentais para a compreensão deste contemporâneo. (Chauveau; Tétart, 1999)

Cabe referenciar a obra “Pour une histoire politique” do historiador René Rémond, pois “a obra figura como finalização no processo de afirmação da história do político - e por extensão da história do presente - ao mesmo tempo em que marca a partida de uma aventura científica que conquistou daí em diante sua carta de nobreza.” (Chauveau; Tétart, 1999)

A História do presente perpassa o campo do “muito contemporâneo”, podendo gerar dúvidas quanto à legitimidade científica no que toca o uso da palavra “História” e sua devida

execução desta História, já que o distanciamento do escritor para com os acontecimentos políticos, sociais e econômicos de sua época são fatores comuns para a produção da escrita da História. (Chauveau; Tétart, 1999)

Todavia, o fato de um sujeito produzir história, isso não significa necessariamente que este não é dotado de subjetividade – provinda de seu tempo e contexto histórico –, logo:

Ninguém escapa a esta lei do gênero. Redigindo *Létrange défaite* em 1939, Marc Bloch é historiador, observador perspicaz. Mas ele é igualmente testemunha e ator e apesar da clarividência de suas análises, imprime, como qualquer outro, esperanças e inquietações de seu tempo, sobretudo porque não está instruído pelo futuro. O mesmo ocorre quando a história imediata é estudo ou avaliação da realidade. (CHAUVEAU; TÉTART, 1999, p. 26)

Levando isso em conta, quanto ao que implica a História do presente, a tarefa dos historiadores será traduzir o “imediatismo” através da memória direta, já que a contextualização do trabalho nos trará ao presente. Para Agnes Chauveau e Philippe Tétart: “A presença do historiador em seu tempo evolui, portanto, em função da própria história. Não há nada de novo nisso.” (1999, p 33). Entretanto, cabe ressaltar que há sim uma mudança metodológica quanto a esta “nova” História: a análise sociocultural virá antes da preocupação com a análise política.

1.3 A dificuldade no entendimento dos regimes fascistas

As críticas ao uso indevido do termo "fascista" não são atuais. Em 1944, o escritor britânico George Orwell já havia criticado que em seu país (Inglaterra) as pessoas usavam a palavra sem prestar atenção ao que era o fascismo, visto que o fascismo clássico, isto é, o movimento fascista surgido na Itália e liderado por Mussolini era um; a versão alemã do fascismo, por exemplo, possui um preconceito mais extremo em questões de raça, no nazismo liderado por Hitler. Assim, definir o fascismo não é uma tarefa fácil justamente por ser um sistema político que varia conforme o tempo/espaço em que este movimento político está inserido. (Orwell, 2017)

Definir o fascismo é, em si, uma tarefa muito complexa. A formação de vários movimentos em contextos diferentes dificulta absurdamente este trabalho. Porém, caso captemos a essência do que é o fascismo italiano, isto é, o de Benito Mussolini, pode-se ter um escopo geral de características centralizadoras deste movimento. Essa é uma das premissas para análise do fascismo, a singularizante. (Bobbio, 2008)

Norberto Bobbio (2008) ressalta que:

[...]foi-se esboçando nos últimos dez anos uma corrente historiográfica que visa reduzir o âmbito de aplicação do conceito de Fascismo apenas ao contexto italiano. Demonstrando a justa necessidade de se evitar as generalizações arbitrárias, mas expressando, ao mesmo tempo, uma orientação metodológica de desconfiança com relação ao uso de conceitos gerais na investigação histórica e de descrença nos modelos teóricos próprios das ciências sociais, essa corrente[...] (Bobbio, 2008, p. 468)

Essa estratégia torna-se pertinente ao traduzir características centrais. Utilizar do fascismo italiano como modelo para definir o fascismo para si pode ser eficiente justamente por ser um movimento de origem, abarcando mais elementos centrais presentes em outros fascismos também. (Bobbio, 2008)

A outra maneira de analisar o fascismo é por meio da abordagem generalizante. Segundo Bobbio (2008):

Que o Fascismo italiano e o nacional-socialismo alemão, malgrado as diferenças devidas às particularidades das respectivas histórias nacionais, hajam de ser considerados como especificações de um modelo de dominação essencialmente único (...) (Bobbio, 2008, p. 469)

Dentro dessa linha de raciocínio teórica, o fascismo pode ser visto ainda de algumas formas diferentes: o fascismo visto como uma ditadura aberta da burguesia, que é um modelo de pensamento voltado ao marxismo; o fascismo como totalitarismo, que é definido com base na novidade do regime totalitário, com foco em suas diferenças particulares em relação aos seus diferentes modelos; o fascismo como uma via para a modernização, que observa este como a passagem de uma sociedade agrária tradicional em direção à uma sociedade industrial; e o fascismo como revolta da burguesia, que é definido pelo abalo da burguesia no que diz respeito aos modelos político-econômicos já existentes. (Bobbio, 2008)

Também existem as interrogações que a abordagem psicossocial almejava obter respostas. Ora, refletia-se nos âmbitos teóricos da psicologia e ciência política sobre os possíveis motivos para a adesão do fascismo por parte da burguesia – e talvez a resposta estivesse na falta de soluções que excluíssem os modelos políticos já conhecidos.

A capacidade de mobilizar a pequena burguesia, baseando-se numa ideologia composta onde confluíam o irracionalismo e o voluntarismo, o anticapitalismo e o anti-socialismo, vagas aspirações a uma democracia radical unidas a acentos fortemente nacionalistas, parece, contudo, ser um dos elementos característicos do movimento fascista, desde a implantação do Fascismo na Itália. (Bobbio, 2008, p. 473)

Levando em conta as confusões teóricas em relação ao fascismo, é correto afirmar que para analisar seus elementos e colocá-los em análise juntamente a outros modelos totalitários, é preciso definir qual fascismo analisar ou, ao menos, qual abordagem teórica

seguir em relação ao mesmo. Robert O. Paxton (2004) analisa o fascismo enquanto um movimento histórico, captando a peculiaridade de cada regime/movimento com o cuidado para que os elementos centrais dos mesmos, ainda assim, sejam bem explicitados.

Não há um consenso teórico final, apenas caminhos a se seguir. O que será utilizado para análise serão as pesquisas voltadas ao psicossocial e a abordagem singularizante enfocando o fascismo italiano.

1.4 O termo “fascismo”

É certo que para entendermos as nuances do fascismo, precisamos compreender, primeiramente, suas origens. O termo “fascio”, que significa “feixe”, foi utilizado como uma metáfora para simbolizar a força da união de vários feixes de hastes. A metáfora está, justamente, no fato de que a união é utilizada como instrumento para alcançar algo. Afinal, para ocorrer uma grande mudança benevolente para todos, deve haver a junção de sujeitos de camadas sociais diferentes dos quais estão dispostos a darem as suas vidas em prol desta possível grande mudança – pois juntos são mais fortes –, fazendo uma alusão então à união do “fascio” (Paxton, 2004).

O termo “fascismo” surgiu na Itália, mais ou menos no começo do século XX, criando uma ideia de glória para uma nação quebrada após a Primeira Guerra Mundial, já que existiam várias crises sem uma possível resolução nos setores econômico e social destas sociedades europeias (principalmente a Alemanha e Itália). Como todo mundo precisa de alguma motivação, o fascismo se inseriu justamente nesse contexto de incertezas em relação aos sistemas que já existiam, emergindo quase como uma possível necessidade para o seu povo necessitado de esperança. (Paxton, 2004)

O fascismo pode ser encontrado em sua fase inicial pela característica da novidade, pois é a revolta voltada aos erros de outros sistemas já existentes, sendo mais desorganizado que o costumeiro no que diz respeito a estes demais sistemas – como o liberalismo, o socialismo e etc. Apesar das coisas existirem antes como conceitos, não podemos vislumbrar o fascismo apenas como uma entidade – algo menos palpável que a realidade. O fascismo deve ser pensado enquanto um movimento, não apenas como uma ideia. O contexto e etimologia importam na mesma proporção, já que estamos apontando para algo que não faz parte apenas do mundo das ideias, isto é, algo construído. (Paxton, 2004)

Para compreender a importância do uso e da apropriação desta palavra, revisitamos o

contexto em que ela foi aplicada na Itália, por exemplo. Já que o uso da mesma foi também um dos pontos estratégicos no que diz respeito à manipulação das massas; e já que demonstra uma grandeza e um certo tipo de honra pelas quais, a priori, pode parecer valer a pena lutar. Não é engano que um dos grandes acertos do fascismo em relação à dominação das populações, foi a criação do sentimento de união; além da ânsia pela novidade, pois a desesperança por qualquer pólo político reinava após a Primeira Guerra Mundial. (Paxton, 2004)

É importante sabermos que o fascismo não pode ser visto apenas como uma ascensão de grupos que acreditavam veementemente que eram as vítimas e que precisavam de justiça social, ansiosos para tomar o controle daquilo que acreditavam ser uma possibilidade de mudança drástica para melhor, incendiadas pelo ódio pelos sistemas que haviam falhado com elas. Ele é isto também. É claro que o ódio popular e o uso da massa populacional são vetores de extrema importância para que o fascismo possa prosperar enquanto ideologia. Porém, é equivocado ver o empobrecimento da Europa pós-Primeira-Guerra como único vetor para a ascensão dos fascistas. Mais do que o empobrecimento, o que houve foi a perda da fé popular nos partidos políticos após as atrocidades da guerra. Fizeram com que a violência pudesse se tornar muito mais propensa a existir e se multiplicar com o passar do tempo, principalmente se diz respeito ao descontentamento da população com seus respectivos sistemas. (Paxton, 2004)

É claro que a visão de um povo desiludido com partidos políticos foi de grande importância para que o fascismo ascendesse enquanto movimento. Basta imaginar o que a população vivia neste momento; ao lembrar que a decadência da ordem natural gerava o óbvio: violência. Mas não foram apenas estes dois aspectos que fizeram o fascismo ter prosperado em algumas regiões, como na Itália, por exemplo. (Paxton, 2004)

1.5 O ódio pelos demais

Em “Anatomia do Fascismo”, Paxton propõe uma outra visão acerca do que poderia ser considerado o movimento fascista, isto é, ele enquanto um movimento histórico. É claro que várias das características citadas acima podem fazer muito sentido quando as relacionamos ao fascismo. Porém, nenhuma delas assume completamente o cargo de explicar o que ele é. Talvez pela sua amplitude possa existir um certo reducionismo inocente quando outros estudiosos correlacionaram pontas soltas ao fascismo como um todo, isto é, quando tratam os diversos regimes e movimentos fascistas como se eles fossem genéricos e não

carregassem peculiaridades. Observando o movimento enquanto um movimento histórico, podemos compreender melhor em sua completude o que ele é para si, na Itália, por exemplo, partindo de premissas etimológicas e contextuais no que toca o pensamento coletivo de diferentes camadas da época, bem como fatores econômicos e geopolíticos.

A ira do povo incendiada pela decadência no que diz respeito ao crescimento da violência após a Primeira Guerra Mundial, ajudou na fomentação de um movimento de ódio aos demais. Além disso, é bom lembrar mais uma vez da descrença das populações em seus governantes e regimes políticos já estabelecidos. (Paxton, 2004)

Em “Psicologia de Massas do Fascismo”, Wilhelm Reich faz um paralelo envolvendo Copérnico e sua descoberta de que a terra gira em torno do sol – que fez o sujeito ser levado à fogueira – com o fato de que, no âmbito político há um certo tipo de perdão maior quanto à culpa e aos erros do passado. Copérnico não errou quanto à sua descoberta, mas dado o contexto no qual ele vivia, culpabilizaram-no. Seguindo esse paralelo, a culpa quase nunca atinge um político nos tempos da contemporaneidade. O autor prossegue dizendo que:

“É de regra, no domínio da ciência, não elaborar teorias novas quando se podem utilizar as antigas. Mas se as velhas teorias se revelaram insuficientes ou erradas, costumam-se estudar os erros cometidos, criticar a velha teoria e desenvolver novas concepções com base nos novos fatos conhecidos. Mas os políticos não procedem deste modo natural.” (Reich, 1993, p. 166)

Cabe a nós então a reflexão sobre como o fascismo é, sobretudo, um movimento político enviesado na dominação das massas, não se importando verdadeiramente com o que acontecia ou o que vai acontecer com a população, tendo o poder como seu foco principal. (Reich, 1993)

Tanto os comunistas¹¹ quanto os liberais foram duramente criticados pelos fascistas por não possuírem soluções para as crises emergentes. O regime fascista italiano não surgiu apenas como um movimento de promessas, mas sim, como um movimento que também havia sido carregado pelo ódio de uma sociedade desacreditada nos sistemas já existentes no momento – isso, claro, por parte das massas. Esse novo movimento possuía certas características peculiares, sendo uma delas o seu forte nacionalismo. Sempre existia a necessidade de afirmação da nação, além da crítica aos grandes empresários dos quais “pecaram” em investir naquilo que realmente deveriam, isto é, em sua nação. Por outro lado,

¹ “O termo “comunista” merece uma explicação. Na época, o “socialismo” era considerado uma doutrina burguesa, identificada com os vários esquemas reformistas experimentais e utópicos dos ideólogos pequeno-burgueses. Os comunistas eram aqueles que estavam claramente a favor da derrubada revolucionária da ordem existente e de uma sociedade igualitária.” (COGGIOLA, 1998). O comunismo é uma frente de pensamento revolucionária que observa o mundo a partir da luta de classes. (MARX; ENGELS, 1847)

um dos motivos principais que levou o fascismo a ser um movimento nacionalista foi o seu anticomunismo, já que os fascistas eram claramente contra qualquer tipo de expansão socialista para o alcance de uma revolução global. (Paxton, 2004)

Devido ao crescimento constante e decisivo do ódio como um todo, englobando várias camadas da sociedade, a violência passou a ser parte das características centrais do fascismo, afinal, o ódio é combustível para violência. Além de ataques pacíficos aos seus inimigos e aqueles que se contrariavam ao movimento, o ataque direto passou a ser um forte instrumento para os fascistas. Os protestos eram sempre muito violentos, mas o seu diferencial é que, diferentemente de outros movimentos políticos, a violência desta vez partia da própria massa populacional da qual era adepta ao fascismo. Isso significa que esse movimento possui uma diferença primordial se relacionado aos demais, que é a participação efetiva das massas, sendo uma das ferramentas mais importantes para o movimento, utilizando do ódio, o combustível perfeito. (Paxton, 2004)

Diante de tal comportamento contrário aos interesses da nação, valem todos os recursos, em primeiro lugar a violência, como os bolcheviques a proclamaram e praticaram, mas agora direcionados para evitar tal insurreição ou revolução social. O fascismo exigirá medidas excepcionais para lidar com uma situação que também é excepcional: o perigo certo de uma revolução comunista triunfante, o amadurecimento de uma situação revolucionária. Fará da violência um recurso privilegiado para dismantelar as organizações de esquerda através do terror e um instrumento de propaganda de suas ideias e determinação. Contará com a legalidade quando puder tirar proveito dela para seus interesses, mas recorrerá à ilegalidade sempre que lhe convier, proclamando que a sua é uma verdadeira "revolução". A responsabilidade pela seriedade do momento caberia ao velho sistema liberal, a cada vez mais. (Orwell, 2017)

Apesar de já termos evidenciado algumas das características centrais do fascismo, é importante sabermos que o mesmo deve ser observado de forma individual ou, em outras palavras, de uma forma mais contextual. Para compreender o movimento, devemos observar suas peculiaridades no que se refere à dinâmica da sociedade na qual o mesmo se aplica. A máquina do fascismo funciona quase como uma raiz que adentra o solo e se enrijece por dentro da terra, penetrando tão fundo o inconsciente coletivo que acaba se tornando um parasita. O impulso do movimento fascista é sempre regado pela vontade individual acerca de um coletivo em prol de algo maior que eles mesmos e da união de todos os sujeitos adeptos, é a ideia coletiva de algo maior que leva ao “fascio”. (Paxton, 2004)

Apesar de ser estranho o medo do desconhecido, é algo natural do ser humano, e o

movimento fascista utilizou muito bem desse medo por parte das massas do que poderia acontecer no futuro, por conta da perda de fé nos sistemas políticos que já existiam. No momento em que há poder, os regimes já se encontram com uma força transcendental para que possam iniciar seus projetos de extermínio do outro – tanto dos nazistas alemães em um âmbito mais geral, quanto dos fascistas italianos em uma perspectiva mais íntima durante a Guerra da Etiópia, a cargo de exemplo. Com isso, podemos averiguar que, quando instaurado, o sistema fascista possui um caráter intrinsecamente autoritário que funciona partindo do pressuposto de inimizade e ataques diretos à oposição. (Reich, 1933)

Podemos dizer então que o fascismo parte da premissa do contexto social, ou seja, de pequenos movimentos que se enraízam e que vão se metamorfoseando e crescendo com o passar do tempo, ao passo que se incendeiam com ódio e, conseqüentemente, violência. Pode-se compreender que após sua chegada ao poder, esses regimes se tornam muito mais radicais e excludentes. Além disso, também se pode entender as diferenças primordiais do fascismo em relação ao comunismo, afinal, a forma de ação do fascismo/nazismo acontece partindo das camadas mais baixas da população, além de ser uma outra forma de governo e ideologia, pois não tentam erradicar apenas o inimigo, isto é, aquele que é contrário ao movimento, mas também tentam erradicar o outro: aquele que possui características (ou origens) diferentes do que deve ser o padrão. (Paxton, 2004)

1.6 Culto ao Líder

O meio inicial para que ocorra a adesão ao movimento fascista não é a violência. É claro que a violência é o instrumento pelo qual o discurso é regido, tendo um grau de importância imenso. Mas o fascismo não utilizou a violência contra os seus adeptos, em vez disso, utiliza do ódio em prol de um discurso esperançoso quanto ao futuro, ou seja, é um ataque para que haja a renovação; é a premissa de destruição para que ocorra a criação. Os meios dos quais seduzem a maioria das camadas sociais se encontram na incitação da raiva contra o inimigo, além de uma necessidade que envolve diretamente a motivação das camadas mais baixas da sociedade – a grande massa populacional. (Paxton, 2004)

O discurso do líder, visto como um mártir, apela ao emocional de populações que se encontram desoladas, trazendo a esperança de um novo movimento que pode ser melhor e que vai tornar as pessoas igualmente melhores, ou melhor, que opte por exterminar os inferiores. O discurso de ódio e esperança é proliferado por um líder carismático através de meios de comunicação abrangentes, fazendo com que, aos poucos, as massas populacionais

dessas sociedades seduzidas pelo fascismo se voluntariem para lutar essa guerra violenta contra o inimigo, a favor de um sistema novo e superior. Suas justificativas de destruição do outro que, como citadas anteriormente, partem da inferiorização desse outro. (Reich, 1933)

A massa populacional é um instrumento imprescindível para que o fascismo ganhe mais força e chegue ao poder. Isso porque a massa é o meio pelo qual o movimento transita na sociedade, destruindo monumentos e inimigos de maneira direta, além de impor medo aos contrários. (Reich, 1933)

A facilidade de adaptação do fascismo aos diferentes contextos políticos e sociais, bem como sua adaptabilidade a outros elementos ideológicos, complica o conceito, mas não é inexplicável. É evidente que o fascismo se trata de um tipo de movimento político que não aparece vinculado a uma situação específica. Inclusive incluiu alguns casos de correções políticas significativas que não chegaram ao poder, mas se manifestaram como uma força no cenário político de certas democracias europeias: na França com o partido político de extrema-direita Le Pen, na Itália onde a neta de Mussolini encabeça uma formação fascista que em algum momento faz parte da constelação de forças que levaram Berlusconi ao poder, na Polônia os gêmeos Kaczynski gravitando uma órbita ideológica semelhante, etc. O fascismo como movimento político e social tem uma retórica populista atacando questões como corrupção estatal, falência de valores morais, bodes expiatórios, etc. (Orwell, 2017)

A retórica populista dos fascistas sempre se aproveita de momentos de crise econômica, social e política. Os discursos fascistas oferecem soluções simples para problemas complexos. Quando chegou ao poder, o fascismo assumiu uma postura autoritária, violenta, hierárquica e meritocrática. O populismo fascista defende mudanças radicais no status quo (latim para "o estado atual das coisas") ao se referir ao sistema político, mas no privilégio de classe, o privilégio do discurso é manter esse status quo. (Konder, 1977)

Ainda convém explicar o fato de que o antissemitismo ou, para ser mais preciso, a discriminação e a perseguição aos judeus, é comum em toda a Europa há muitos séculos. Não aparece com maior relevância nem no fascismo italiano, nem no espanhol, isto é, não sendo um elemento primordial para caracterizar o fascismo para si. Se em algum momento Mussolini perseguiu os judeus na Itália e os entregou aos nazistas, foi por pressão alemã e não por impulso próprio; o regime colaboracionista francês fez o mesmo, cedendo à pressão das autoridades de ocupação alemãs, mesmo contra o desgosto da maioria dos ministros do governo de Vichy. (Silva; Gonçalves; Parada, 2016)

Consequentemente, todo o tema da perseguição antissemita, o Holocausto e Auschwitz deve ser estudado em relação ao nazismo, mas separado do fenômeno geral do

fascismo e do que é essencial para ele. Mesmo tal estudo não deve ignorar o fato de que a mesma política de perseguição e extermínio também foi aplicada contra o povo cigano, contra grupos sociais específicos como homossexuais e deficientes mentais, bem como contra setores políticos, como social-democratas e comunistas. (Cytrynowicz, 2002)

1.7 A questão do antissemitismo

A questão dos judeus e o antissemitismo, apesar de ser uma peculiaridade do nazismo no que tange os regimes fascistas, carrega uma complexidade maior do que comumente se é notado numa perspectiva geral. Trata-se da perseguição de um grupo que já estaria no processo de sua perda de poder, já que os judeus não exerciam nenhum papel político durante a ascensão do nazismo, mesmo que possuíssem riqueza. E é justamente a riqueza que os fez serem vistos como parasitas, afinal, segundo Hannah Arendt “(...) a riqueza sem função palpável é muito mais intolerável, porque ninguém pode compreender - e conseqüentemente aceitar - por que ela deve ser tolerada.” (1951, p. 24) A riqueza como ela em si não estabelece relações humanas, apenas distanciamento. Uma relação entre explorador e explorado, apesar de possuir tensões, ainda assim é uma relação entre dois grupos diferentes que, em determinado momento, podem dialogar. Mas não há relação entre um grupo rico que não representa importância política e a massa populacional, se não a de ódio pela concentração de riqueza. (Arendt, 2013)

O antissemitismo nazista é a justificativa conveniente ao ódio pelos judeus que já era existente antes mesmo do regime. O antissemitismo moderno não se configura da mesma maneira que o ódio religioso antijudaico. A justificativa de que os judeus foram responsáveis pela guerra ou que eles não passavam de parasitas torna-se um ótimo pano de fundo para o real ódio que perpetuava pelos judeus por mais de 2 mil anos. (Arendt, 2013)

Sobre a isenção de responsabilidade tanto por parte dos judeus, quanto por parte daqueles que já destilavam ódio sobre os mesmos, Arendt explica que:

Ao implicitamente recusarem abordar o significado da conduta humana, assemelham-se às modernas práticas e formas dos governos que, por meio do terror arbitrário, liquidam a própria possibilidade de ação humana. De certa forma, nos campos de extermínio nazistas os judeus eram assassinados de acordo com a explicação oferecida por essas doutrinas à razão do ódio: independentemente do que haviam feito ou deixado de fazer, independentemente de vício ou virtude pessoais. (Arendt, 2013, p. 28)

1.8 Nacionalismo exacerbado

Há características que são essenciais no fascismo e que estão presentes nas diferentes versões desse fenômeno. Como o nacionalismo extremo, que bem pode ser descrito como ultranacionalismo. É uma poderosa força ideológica, capaz de mobilizar enormes massas inflamadas pela oratória patriótica, recurso que a burguesia já conhecia desde o século XIX, quando precisava lutar para defender seus mercados e espaços econômicos nacionais. (Paxton, 2004)

Para o fascismo, o Estado é visto como a autoridade suprema, e indivíduos têm pouca liberdade para contestar ou questionar as políticas do governo. Frequentemente promove um nacionalismo extremado, enfatizando a superioridade e a grandeza da nação. Isso pode incluir a busca pela expansão territorial e o desrespeito pelos direitos de outras nações. Os regimes fascistas tendem a ser totalitários, controlando todos os aspectos da vida pública e privada. Isso inclui a censura da mídia, a repressão de opositores políticos e a criação de uma cultura de conformidade com as ideias do partido no poder. (Souza, 2020)

A construção da ditadura e o controle dos sujeitos acontece por meio da repetição de ideias e regras compartilhadas através das instituições e meios de comunicação, criando uma necessidade inerente à própria vontade dos sujeitos de reconstruir; de recriar uma nação partindo de ideais salvacionistas ao mesmo tempo que segregadores. Não é por acaso que o movimento fracassou em sua tentativa de tomada de poder na França mais ou menos no mesmo período em que obteve sucesso na Itália e na Alemanha, afinal, se observarmos as peculiaridades de cada região em seus contextos desse período (nesse recorte de tempo e espaço), pode-se ver uma necessidade de solução bem maior por parte desses dois países depois de saírem da Primeira Guerra Mundial. (Paxton, 2004)

1.9 Conceituando o fascismo

Agora podemos retornar ao termo “fascio”, que faz mais sentido ao ser utilizado após a compreensão acerca do seu significado. O uso do termo faz com que a ideia de união de sujeitos fique bem mais esperançosa, sendo que, a priori, são naturalmente melhores que os seus inimigos e agem em prol da salvação de uma nação e construção de uma sociedade melhor. Todos eles estão juntos como um grande corpo que se sustenta com sua massa, o fascio. O sujeito não é mais sujeito, agora ele fazia parte de algo maior que o tornava mais

angelical, detendo deveres a cumprir para com a sua pátria, acima de tudo. Robert Paxton (2004) ressalta que devemos nos prender muito mais ao movimento que acontecia no cotidiano, formando o corpo do fascismo, ao passo que sua raiz adentrava as camadas mais íntimas das vidas das pessoas.

Para deixar mais claro os agentes diretos do fascismo, podemos determiná-los num total de 4 objetos: o partido; o líder; a máquina estatal; e a população. Todos esses elementos são de igual importância, isso porque eles dialogam entre si, optando por construir pontes para que o credo se prolifere e gere novas sementes. O partido usa o líder que, por consequência, utiliza da máquina do Estado e produz seus resultados partindo da população que, por sua vez, se alimenta das promessas do líder e do partido. É claro que o sistema funciona de uma maneira muito mais complexa do que esta breve explicação, mas o importante deste exemplo é entendermos que o fascismo funciona como um corpo que utiliza desses quatro objetos, que possuem o mesmo grau de importância. (Paxton, 2004)

Refletir sobre um nível nacional (e internacional) de manipulação das massas, pode nos lembrar que “Não é possível “inventar”, “imaginar”, “planificar” uma nova ordem social; ela deve crescer organicamente, em estreita relação com fatos práticos e teóricos da vida do animal humano.” (Reich, p. 170). É necessária uma perspectiva analítica acerca de algumas facetas e estratégias do movimento. O fascismo encontrou brechas dentro de sociedades fragilizadas social e economicamente que já viviam um período onde os instrumentos de comunicação já eram completamente utilizados por elas.

“O fascismo é uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições étnicas ou legais de qualquer natureza.” (Paxton, 2004, p. 358)

Dito isto, podemos concluir que o fascismo é, então, não apenas um conceito, mas um movimento muito mais palpável do que parece, que dependeu de contexto, tempo e espaço para que pudesse ter existido e ter sido bem sucedido (até certo ponto) durante sua breve existência na história global. (Paxton, 2004)

O fascismo é, sobretudo, um sistema autoritário de dominação. Ele é, em si, uma metamorfose que varia de contexto, mas sempre apresenta suas características triviais em todos eles – culto ao líder; ódio aos demais; etc. (Bobbio, 2008)

Paralelo a isso, o Integralismo foi um movimento de cunho neo-fascista que surgiu no Brasil durante a década de 1930, liderado pela figura de Plínio Salgado. Foi um

movimento com fortes influências e inspirações fascistas, como o próprio culto ao líder. Porém, não é um movimento idêntico ao fascismo, possuindo suas diferenças. No Integralismo, a utilização da religião, do se diferencia quanto ao fascismo, além de não haver a presença de elementos racistas, como no nazismo, por exemplo. O Integralismo nunca conseguiu chegar, de fato, ao poder.

CAPÍTULO 2 - O QUE FOI O INTEGRALISMO

2.1 As origens do Integralismo

Em 1932, temos criação de um movimento que dá as caras no Brasil: a chamada Ação Integralista Brasileira (AIB), um partido político de massas, que bebia do culto à liderança e do discurso antissemita. (Christofoletti, 2021)

Os integralistas possuíam um forte viés doutrinário no sentido intelectual, com os líderes Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. Promoviam um nacionalismo extremo, alegando a necessidade de preservar e fortalecer a identidade nacional brasileira. Isso incluía a valorização da cultura, língua e tradições nacionais, bem como uma visão idealizada do passado do Brasil. eram fortemente anticomunistas e viam o comunismo como uma ameaça à nação. Eles acreditavam que apenas uma liderança autoritária poderia proteger o Brasil contra a influência comunista. O Integralismo adotou um estilo visual distintivo, com uniformes verdes, camisas com o símbolo da letra "sigma" (Σ) e saudações rituais, como o "Anauê". Esses elementos contribuíram para uma atmosfera de militarismo e disciplina dentro do movimento. Promoveram a ideia de um Estado corporativo, no qual diferentes grupos sociais (trabalhadores, empresários, intelectuais, etc.) seriam organizados em "corporações" que teriam representação e influência na tomada de decisões governamentais. (Fagundes, 2012)

Figura 1: Integralistas fazendo o gesto/cumprimento “Anauê”



Fonte: Arquivo/CPDOC

2.2 à quase ascensão do Integralismo ao poder

O movimento integralista, apesar de ter sido afogado pelo governo de Getúlio Vargas posteriormente, conseguiu realizar algumas investidas um tanto quanto perigosas, como na marcha de outubro de 1934, que reuniu 40 mil integralistas que desfilaram nas ruas, com camisas verdes, de braçadeiras com insígnias da letra “sigma”. Teve também o episódio de 1937, onde a ação alcança mais ou menos 200 mil adeptos. Seu desfile acontece por conta da candidatura do líder do movimento, Plínio Salgado. (Barbosa, 2007)

Figura 2: Desfile Integralista



Fonte: Desconhecido, 1937.

O ano de 1937 deve ser posto em evidência por questões políticas, já que neste ano acontece um golpe liderado por Getúlio Vargas, que se sucederá em mais 15 anos para o governo Vargas, com a ideia do Estado Novo. Esse golpe gerou descontentamento por parte da AIB, pois o poder não foi entregue aos mesmos, como imaginavam que Vargas faria. (Skidmore, 1967)

Posteriormente, um dos grandes sustos dos quais o movimento da AIB fez com que o Brasil presenciasse, aconteceu em 11 de maio de 1938, com um ataque dos integralistas ao palácio Guanabara – o palácio presidencial. Esse ataque aconteceu com a ajuda de alguns militares não-integralistas. Conseguiram invadir o jardim de Getúlio Vargas e então entraram em um combate contra os soldados que estavam em seus postos para defender Vargas e sua filha, Alzira, que estava junto a ele no momento do ataque. No final do ataque, os invasores foram levados à polícia. (Skidmore, 1967)

Com fortes tensões durante o período da guerra fria, com o XX congresso do Partido Comunista da URSS em 1956, além da relação entre Cuba e os EUA que só decaía com o passar dos anos, Cuba buscou apoio por parte da URSS, em 1961. Havia então, uma radicalização de lados, eram “os comunistas contra os capitalistas”. Todo o contexto global no que diz respeito à uma guerra ideológica generalizada, além da criação do partido PC do B, foram aspectos que serviram perfeitamente para justificar um anticomunismo. Essa ideologia anticomunista foi utilizada por meio do medo. Além de haver a criação de uma narrativa para evidenciar a possível ameaça comunista e a utilização de meios institucionais (IPES, IBAD e Sociedade Protetora da Tradição Família e Propriedade). (Barbosa, 2007)

2.3 Fascismo à moda brasileira

Paralelo a isso, voltando à ótica de Vargas, cabe ressaltar que ele não discordava completamente da Ação Integralista, isto é: “{...} via no integralismo uma forma orgânica de governo com exacerbação de valores da nacionalidade, exaltação da colaboração de classes e crença no ideal corporativo – pontos que reforçavam suas próprias convicções autoritárias.” (Schwarcz; Starling, 2018, p. 368)

Getúlio Vargas só era contrário à ascensão da Ação Integralista porque o movimento não ocultava seu desejo de chegar ao poder e, conseqüentemente, de instaurar um regime totalitário no Brasil. Isso significava que, possivelmente, até mesmo o presidente teria que sair do poder para que o movimento ascendesse em seu esperançoso regime. Esses fatos não

são apenas especulação, já que os integralistas possuíam uma estrutura de poder própria, com milícias de parlamentares e o uso de propagandas por meio até mesmo de diferentes tipos de meios de comunicação (cinema, fotografia e rádio). (Schwarcz; Starling, 2018)

O ponto de vista integralista defendia a valorização da cultura nacional, o autoritarismo e o anticomunismo. Embora não tenha alcançado o poder, o integralismo exerceu influência significativa na política e na sociedade brasileira da época, promovendo elementos fascistas, como uniformes, saudações e *slogans* nacionalistas. (Trindade, 2016)

O argumento que era utilizado por meio dos participantes desta ideologia era o de que o comunismo deveria ser visto como um inimigo muito perigoso devido ao seu caráter internacionalista, logo, deviam temer possíveis planos comunistas de dominação mundial. (Barbosa, 2007)

Esse anticomunismo inventado era incentivado, inclusive, pelo próprio governo vigente desta época, de Vargas:

Os levantes de 1935 converteram-se, pelo discurso oficial, na Intentona Comunista – “Intentona” significa “intento louco ou insensato” –, e uma carga injuriosa de crimes foi imputada aos rebeldes: os oficiais comunistas seriam acusados de ter assassinado friamente os próprios companheiros legalistas do 3º Regimento de Infantaria enquanto estes dormiam(...) Para justificar o combate ao seu maior inimigo, Vargas forjou acusações a rodo. (Scharcz; Starling, 2018, p. 374)

Além disso, a AIB sempre deu muita ênfase à espiritualidade, baseada nos “bons costumes” e no modelo tradicional de família. Segundo um trecho do próprio Manifesto de Outubro: “o comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana; destrói a religião; destrói a iniciativa de cada um”. (Manifesto de Outubro de 1932, 11). Esse texto se encontra presente dentro da Enciclopédia do Integralismo, tornando-o um documento doutrinário utilizado pela Ação. Os integralistas também utilizaram de escritos que não eram necessariamente integralistas, mas que colaboraram com suas visões anticomunistas. O comunismo era descrito como um sistema que escravizava os cidadãos com suas propostas retrógradas, enquanto o integralismo era saudado como salvador, ou seja, o salvacionismo foi um dos elementos utilizados por meio dos integralistas. (Barbosa, 2007)

Fizeram o mesmo que fez o fascismo italiano (e outros) usufruindo da utilização de uma verdade absoluta, isto é, a ideia de que existirá apenas um caminho para o alcance da plenitude social, política e econômica. Nada mais poderia salvar o país, se não essa doutrina totalitária e nacionalista, sendo esta uma terceira via. (Barbosa, 2007)

O que caracterizava o Integralismo como movimento de cunho fascista (além do apoio

vindo da própria embaixada italiana), era a fomentação do ódio, da militarização e, sobretudo, de uma nova forma de governo totalitária e um tanto quanto antisemita, além do anticomunista. (Christofoletti, 2021)

Nem capitalistas, muito menos comunistas e veementemente antiliberais, os integralistas usaram de seu discurso contra os liberais para justificar a insatisfação da classe operária, na tentativa de “demonstrar” que o seu sistema era o único que poderia trazer dignidade ao trabalhador de classe média-baixa brasileiro, evidenciando suas claras diferenças também do comunismo – seu antagonista principal. (Barbosa, 2007)

Precisamos lembrar que o anticomunismo não era uma ideia de caráter unicamente integralista, já que a igreja católica se mostrava duramente contra o comunismo. Esse fato fez com que a Ação Integralista usasse o seu antagonismo para com a ideologia comunista, já que os mesmos poderiam criar laços e gerar aliados, como aconteceu com a própria Igreja Católica, por exemplo. (Barbosa, 2007)

O Integralismo é um exemplo de como ideologias autoritárias e nacionalistas podem emergir em momentos de instabilidade política e econômica, e como essas ideologias podem ganhar apoio em determinados contextos. Embora o Integralismo tenha desaparecido como movimento político organizado, suas ideias e símbolos ainda têm algum impacto cultural e histórico no Brasil até os dias atuais. (Garcia, 2023)

A cargo de exemplo, podemos lembrar da irritação do líder do movimento, Plínio Salgado, ao perceber que o movimento Integralista estava suscetível à lei e que, se preciso, seria submetido à mesma, basta vislumbrarmos a reação de Salgado com a Lei de Segurança Nacional e da desarticulação da Aliança Nacional Libertadora. O mesmo diz que:

(...) se em princípio não somos contra essa lei, é porque as ideias que a inspiram se enquadram num sistema de ideias construtivas da nossa concepção do Estado. A Lei de Segurança é, no entanto, ineficaz, por abranger um ângulo muito restrito do complexo problema da ordem social. O controle ao comunismo, por exemplo, não se pode fazer exclusivamente com a repressão e a violência. A unilateralidade desta Lei tira-lhe toda a autoridade moral. E a maior prova disso está nas ameaças de greve e no manifesto dos extremistas chefiados por Luis Carlos Prestes. Uma Lei unilateral, ainda que boa não produzirá resultados. (Salgado, EI, VI, 1960, 26)

O importante a se observar neste manifesto feito por Salgado é sua insatisfação quanto ao movimento integralista ter sido imposto a obedecer a lei, já que, em sua visão, o integralismo seria a única forma possível para resolver as emergências do país na década de 60, logo, deveria estar acima da lei. (Barbosa, 2007)

Cabe então a nós compreendermos num escopo geral o que foi o movimento integralista no Brasil. O mesmo pode ser elencado por meio de alguns elementos: primeiro, o caráter totalitário que possui uma visão explicitamente nacionalista, tendo um messias para

salvá-los, o líder do movimento; segundo, a elevação do grau de importância da família tradicional, da “moral” e da imagem do Deus cristão; terceiro, seu caráter anticomunista, fomentando o ódio pelos contrários ao movimento. (Christofoletti, 2021)

CAPÍTULO 3 - BOLSONARO E SEU FLERTE COM O INTEGRALISMO E O FASCISMO

2.4 O cidadão de bem e o bolsonarismo

A palavra “bolsonarismo” é um termo inventado e usado para descrever a ideologia, o movimento político e a base de apoio em torno do presidente Jair Messias Bolsonaro e de suas políticas e posicionamentos. Surgiu a partir da ascensão de Bolsonaro ao poder em 2018 e tem sido uma força política significativa no Brasil desde então.

Para a melhor compreensão de como funciona este fanatismo, é bom que nos debruçemos na significância empregada ao que é “cidadão de bem” por parte da extrema direita brasileira. Sua força vem do âmago de um comportamento fascista, isto é, um que vê as diferenças com olhar de inimizade; que apresenta um forte nacionalismo; e que visa a exclusão daquele que não se adequa em seu modelo. O “cidadão de bem” é, sobretudo, a antítese de um cidadão que compreende seu contexto, pois lhe falta compreensão de sua cidadania. O incentivo à destruição da diferença com base numa “ordem” conservadora e autoritária. (Jesus, 2019)

O pressuposto da obtenção de liberdade por meio de um ser messiânico é resultado de uma polarização política, além da perda da fé nas formas de política governamental das quais já estão estabelecidas. Com isso, a verdade passa a ser relativa e, ainda pior, uma arma que serve embates contra seus respectivos “rivais” com suas próprias verdades. Para este cidadão de bem, a legitimidade não importa tanto quanto a teatralidade presente no jogo político. O discurso abala mais que os documentos. (Jesus, 2019)

Não é por engano que estes “cidadãos de bem” invadiram e depredaram locais como o STF, Congresso Nacional e o Palácio do Planalto no dia 8 de janeiro de 2023, em um ato contrário ao que se acredita ser democracia.

A mídia, como dito antes, tem seu papel fundamental na transmissão de versões da realidade que podem se adequar bem ao desespero contextual que o neofascismo pede. Discorre Samuel de Jesus (2019) acerca da postura da mídia durante a paralisação dos caminhoneiros que ocorreu no Brasil no ano de 2018:

Esta narrativa midiática lembra o controle pelo medo descrito na obra de George

Orwell, chamada: 1984, ou seja, uma imprensa que difunde o medo e o caos para vender como solução a utilização do aparato repressivo estatal e isto, na prática, cria um Estado Policial que utiliza a censura, o controle social como meio para garantir uma falsa segurança a todos. (Jesus, 2019, p. 17)

O “cidadão de bem” pode ser moldado conforme as demandas do setor conservador. Por exemplo, no caso do período em que ocorreu a greve dos caminhoneiros, o cidadão de bem era a pessoa que gostaria de trabalhar, mas que não conseguia. A estratégia, neste caso, foi a demonização da greve e imposição do medo, fortalecendo a “necessidade” de repreensão aos grevistas por parte do governo. A mídia prolifera narrativas a serem compradas por seus ouvintes, isto é, o “discurso oficial” é a gênese da formação da narrativa midiática, por haver uma relação dialética no que toca a permissão daquele que detém o poder em detrimento àquele que discursa. A criação de um discurso oficial é a maneira de manobrar o público por meio da mensagem que está sendo passada. (Jesus, 2019)

A ideologia do cidadão de bem se alicerça no controle pela narrativa, que possui o trabalho da manutenção da pobreza e da falta de direitos dos menos afortunados, isto é, da justificativa da mão de obra barata, além de haver, também, uma supervalorização do trabalho:

o desemprego representa uma humilhação, pois o trabalhador é privado do ato de dar e receber. Os pobres acreditam que a obrigação dos ricos é lhe dar o trabalho, seguindo uma cadeia de obrigações entre desiguais. Desta maneira o desemprego representa uma ruptura desta relação entre estas classes. (Jesus, 2019, p. 21)

Os benefícios sociais são enxergados com maus olhos para o “cidadão de bem”, pois o ato de entregar tais “benefícios” pela parte governamental, implica em desprezar o merecimento daqueles que “trabalham duro” e que, por isso, merecem os benefícios que possuem. A ideologia do cidadão de bem, na realidade, baseia o seu cerne na desigualdade social e na banalização dos direitos dos cidadãos, ao passo em que o pobre trabalha para que o rico lhe dê trabalho, enquanto a recompensa do pobre pela dignificação do seu corpo ao trabalhar, se encontrará apenas em outra vida. (Jesus, 2019)

Além destas questões, o porte de armas de fogo para cidadãos brasileiros também é alvo de discussões para esta ideologia:

O portal de notícias online O tempo, divulgou que em uma audiência pública sobre mudanças no estatuto do desarmamento, realizada na Assembleia Legislativa de Minas Gerais em 26.06.2015, o Deputado Federal Jair Bolsonaro, afirmou, “O cidadão armado é a primeira linha de defesa de um país” (Jesus, 2019, p. 26)

A fala do ex-Deputado Federal (e presidente em 2018-2022) Jair Messias Bolsonaro foi aplaudida por vários partidos e figuras públicas. E o apoio ao porte de armas para o cidadão brasileiro ainda possui muito apoio, mesmo com estudos apontando as problemáticas

envolvendo esse tema. Segundo o artigo “quatro mitos sobre o cidadão de bem armado” de Robert Muggah e Daniel Sequeira existem em torno de 17,6 milhões de armas leves em circulação no país, sendo 57% ilegais. Não obstante, devemos nos atentar às motivações políticas, já que, segundo Samuel de Jesus “Os deputados e senadores financiados por esta poderosa indústria defendem os seus interesses, ou seja, visam alterar a legislação que restringe a ampliação do mercado de armamentos” (2019, p. 27)

O cidadão de bem é aquele que, apesar talvez poder se encontrar nas margens da sociedade, se distancia da “vagabundagem”; é aquele que tenta reproduzir e replicar os arquétipos de seus líderes – a elite branca – e, sobretudo, que trata de se diferenciar do outro – daquele que é um “não cidadão” –, isto é, daquele que se encontra nas margens da sociedade; ou que simplesmente não trabalha – mesmo que seja estudante –; ou que é contrário à ordem estabelecida – como estudantes grevistas, por exemplo. (Jesus, 2019)

2.5 Bolsonarismo e o ódio aos demais

Tendo isso em vista, fica clara a semelhança no que diz respeito ao crescente ódio aos demais, presente nos outros dois movimentos totalitários analisados anteriormente. O ódio deve ser pauta quando tratamos do movimento bolsonarista, afinal, antes mesmo do ato anti-democrático do dia 8 de janeiro de 2023, tivemos diversos discursos igualmente problemáticos e anti-democráticos de Jair Messias Bolsonaro. Durante seu voto na decisão de Impeachment da, até então, presidente do Brasil, Dilma Rousseff, no ano de 2016, Bolsonaro homenageou o ex-coronel, Carlos Alberto Ustra, conhecido por ter sido o chefe do DOI-Codi (Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna), ou seja, o mesmo era um ávido torturador durante a época da ditadura militar (1964-85), pertencendo ao órgão responsável pela repreensão militar durante esse período. (Barrucho, 2016)

A problemática do bolsonarismo começa com algumas semelhanças quanto ao fascismo e integralismo. A narrativa criada por Bolsonaro de que o Brasil precisa ser salvo do comunismo (presente também em seu discurso onde homenageia Carlos Ustra), nos soa muito semelhante às narrativas dos dois demais movimentos analisados, já que o ódio àqueles que não são semelhantes é incentivado por parte de seus líderes, criando assim, a imagem dos “inimigos” do movimento. (Barrucho, 2016)

O ex-presidente, Jair Bolsonaro, também já disse que “as minorias tem que se curvar às maiorias” (2022), quando confrontado acerca de suas declarações homofóbicas envolvendo “a

mãe querer que o Joãozinho continue sendo Joãozinho”. Essa fala antidemocrática foi apoiada por parte de seus seguidores bolsonaristas, que levaram o discurso para o âmbito do moralismo religioso, sendo que o Deus (cristão) deve estar acima de tudo e de todos. A homofobia e a transfobia caminham juntamente a este discurso, se levarmos essa moralidade em consideração. (Andrade, 2022)

É importante lembrarmos de que o ódio aos demais é a chave para criar um exército de súditos que seguirão os anseios nacionalistas e, talvez até neo-fascistas, de seus líderes. A persuasão acontece por meio do discurso de que há apenas um caminho a se seguir contra a oposição (geralmente, uma oposição dita “comunista”); do uso da religião como régua para moralidade; e do descontentamento do povo quanto ao atual Estado político. Todos esses fatores geram esse ódio por parte da massa populacional, da qual participa do movimento, o seguindo cegamente. Muitas vezes, as intenções dos líderes são, de fato, mascaradas, mas as da população não. Ao menos na maioria das vezes, o que acontece é que uma grande parcela dessa população está sendo manipulada por seus líderes. (Reich, 1993)

2.6 O “Mito”

No dia 10 de agosto de 2022, ao chegar no Encontro Nacional do Agro, Bolsonaro é ovacionado e chamado de “mito” em gravações desse evento. Inclusive, essas gravações foram postadas nas redes sociais do mesmo, na tentativa enganosa de convencer de que isso havia acontecido durante sua chegada em Buenos Aires, na Argentina, no dia 8 de dezembro desse mesmo ano. (Burbulham, 2023)

Paralelo a isso, devemos compreender esse título dado para Bolsonaro. A palavra “mito” possui diferentes âmbitos onde pode ser posta, sendo o uso mais usual do mesmo, aquele que estamos habituados: fábula. O mito indica algo fantasioso, sim. Mas também devemos nos atentar aos demais usos dessa palavra, pois o mito também é visto como existência de algo sagrado, em certas perspectivas. Podemos então vislumbrar perspectivas onde nos deparamos com mitos da caverna, e outras em que nos deparamos com mitos como Jair Messias Bolsonaro, um “salvador” para o povo. (Eliade, 1972)

Convém lembrarmos também de que, dado o pouco conhecimento por parte da população brasileira do que é cidadania, de fato, a necessidade de salvação se sobrepõe ao que deveria ser a compreensão de seus direitos plenos, gerando assim a necessidade de que alguém

lhes ceda os direitos que já deveriam ser inerentes a eles. (Carvalho, 2001)

É importante deixar claro de que o mito, para si, nas comunidades onde ele existe, é visto como algo verdadeiro e sagrado, sendo referido como ponto de criação de algo. Apesar de se basear em estruturas abstratas, ainda assim é “vivo”. Ele se torna vivo a partir da religião, pois retrata uma realidade que não é tática, mas que se dá por existente através do sentir sagrado. (Eliade, 1972)

O mito enquanto instrumento de soft power, através da imagem forte de um líder, casa com a ideia de culto ao líder, que é presente também no fascismo e no integralismo. A necessidade de salvação, junto à falta de entendimento quanto à sua cidadania, além do ódio pela oposição (que é chamada de “comunismo”) e forte presença da religiosidade cristã na cultura popular, são fortes instrumentos para a criação de um movimento de massas, o bolsonarismo. (Eliade, 1972)

2.7 O discurso nacionalista e neonazismos

Um dos slogans de Bolsonaro que se tornou famoso é o “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Esse lema foi inventado pela Brigada de Infantaria do Exército brasileiro, tendo surgido na década de 1960, após a criação do decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Os responsáveis específicos pela criação desse lema foram os capitães paraquedistas Francimá de Lina Máximo, José Aurélio Valporto de Sá e Kurt Pessek. (Folhapress, 2018)

O lema carrega uma enorme semelhança com um slogan utilizado pelos nazistas: “Deutschland über alles”, que significa “Alemanha acima de tudo”. O governo Bolsonaro foi fortemente criticado pelo uso do lema, isso é um fato. Porém, é importante darmos atenção à grande parcela da população brasileira da qual abraçou esse discurso, para tentarmos compreender o instrumento discursivo enquanto uma força persuasiva. (Longo, 2018)

Outro ato que, posteriormente, foi fortemente criticado aconteceu no Dia Internacional do Leite - 1º de junho de 2020 -, quando Jair Messias Bolsonaro fez uma live em suas redes sociais tomando um copo de leite ao lado do, até então, presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, e o secretário da Agricultura e Pesca, Jorge Seif Júnior, que também estavam com seus respectivos copos de leite. O motivo das críticas foi a crença de que esse ato poderia ter sido uma possível referência a um movimento de direita estadunidense chamado “Alt Right” ou, em português, “Direita Alternativa”, pois os membros desse movimento político

utilizam do leite para exaltar sua crença de que a “raça” branca é superior à negra. (Saconi, 2020)

Figura 3: Bolsonaro ao lado de Pedro Guimarães e Jorge Seif Júnior bebendo copos de leite, possivelmente fazendo referência ao nazismo



Fonte: Transmissão feita por Jair Messias Bolsonaro, 2020.

Para além da contemporaneidade, revisitando o passado, podemos observar que existiam teorias raciais durante o século XX das quais se apoiavam na ideia de que os negros possuíam intolerância a lactose e, por isso, o leite era visto como puro, pois apenas a “raça branca” conseguia ingerir e portanto, na justificativa racista e pseudocientífica, era uma “raça” superior por isso. Essa ideia foi promovida e comemorada durante a Alemanha nazista, quando Hitler fazia reuniões servindo leite aos participantes e para si mesmo, como demonstração desse símbolo da supremacia branca. (Monteleone, 2020)

Além dos exemplos presentes na nossa própria realidade, podemos também observar o uso do leite enquanto símbolo de poder por parte de personagens fictícios. Como na cena em que o coronel Hans Landa pede um copo de leite para um cidadão francês que estava escondendo uma família de judeus debaixo de sua casa.

Figura 4: neonazistas bebendo leite durante live simultânea à posse de Donald Trump à presidência, como símbolo de supremacia



Fonte: live retirada pelo próprio grupo de neonazistas, 2017.

Figura 5: Coronel nazista Hans Landa bebendo leite



Fonte: imagem retirada do filme Bastardos Inglórios, 2009.

Retornando ao “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, o grupo responsável pelo lema se autodenominou Centelha Nativista. Esse mesmo grupo possuía até mesmo uma oração e seus respectivos dez mandamentos. Esse mesmo grupo, juntou forças para impedir que a frente de oposição, MR-8 e ALN, saísse do país após o sequestro do, na época, Embaixador dos Estados Unidos da América, Charles Burke Elbrick. (Casali)

Levando isso em conta, podemos observar como a religião e o nacionalismo

exacerbados são fortemente utilizados pelos slogans escolhidos por Jair Messias Bolsonaro.

A problemática se torna ainda mais preocupante quando vemos os malefícios ativos da política bolsonarista. Bolsonaro também expressou oposição à promoção da diversidade de gênero e à educação sexual nas escolas. Ele argumenta que isso é uma ameaça aos valores tradicionais e à família brasileira. Essas posições têm gerado preocupações entre grupos defensores dos direitos LGBTQIAP+ e da igualdade de gênero, que argumentam que a educação sexual é fundamental para promover o respeito e a compreensão das questões de gênero e sexualidade. As posições de Bolsonaro em relação aos direitos LGBTQIAP+ demonstra a relutância na moralidade da direita brasileira no que diz respeito à ideias progressistas. (Teixeira Filho; Catto; Cruz, 2023).

Além da problemática com a comunidade LGBTQIAP+, Bolsonaro também se envolveu em uma controvérsia com a comunidade israelense por conta de sua fala sobre o holocausto. Durante sua visita ao museu Yad Vashen, em 2019, o ex-presidente afirmou que “podemos perdoar, mas não esquecer” os atos repugnantes dos quais aconteceram durante a Segunda Guerra Mundial, nos campos de concentração. Sua fala foi repreendida pela própria diretoria do museu, além do, até então, presidente de Israel, Reuven Rivlin, ter feito uma declaração via twitter, contrária ao pensamento de Bolsonaro. (Specia, 2019)

O nazismo nunca foi defendido de maneira direta por Bolsonaro, porém, o mesmo já defendeu diretamente estudantes que diziam admirar o ditador nazista Adolff Hittler. Durante uma entrevista quando confrontado acerca deste assunto, o nosso ex-presidente disse, entre outras coisas, que:

[...] Esses garotos, entre tantos outros, são filhos de militares e estão realmente carentes de ordem e de disciplina neste país. Enquanto o nosso presidente da República não dá exemplo disso, eles têm que eleger aqueles que souberam, de uma forma ou de outra, impor ordem e disciplina[...] (Bolsonaro, 2020)

Em sua reeleição, Bolsonaro utilizou do lema fascista, anteriormente adotado pelo integralismo, “Deus, Pátria e Família”, novamente seguindo ideais que flertam com o fascismo e demonstrando seu ideal nacionalista de pátria e do, já definido anteriormente, “cidadão de bem”, em prol da moral e dos bons costumes. (Dias, 2022)

2.8 Figuras igualmente problemáticas

Além do próprio Jair Messias Bolsonaro, temos outras figuras tão problemáticas

participantes do seu movimento ideológico. Não podemos nos enganar ao observar apenas um dos indivíduos presentes dentro de um governo. Precisamos visualizar seus apoiadores e adeptos que estavam e estão ativos no mundo da política burocrática brasileira.

Podemos começar com um discurso feito, pelo então, secretário de Bolsonaro, ao ter reproduzido de forma idêntica partes do discurso de Joseph Goebbels, que era o Ministro da Propaganda da Alemanha durante o regime nazista. Chegando a alegar ter sido apenas uma “coincidência na retórica”, ainda assim foi destituído de seu cargo por conta da controvérsia gerada, tendo sido considerada uma “fala infeliz” segundo a presidência na época. (El País, Alessi, 2020)

Figura 6: Imagem retirada do vídeo do discurso de Roberto Alvim e de Goebbels, Ministro da Propaganda da Alemanha Hitlerista



Fonte: Vídeo do discurso de Roberto Alvim realizado através de suas próprias redes sociais, 2020 em semelhança com a imagem de Goebbels chefe da Propaganda Nazista.

Após observar a imagem, conseguimos visualizar certos elementos centrais através do ambiente, elementos estes que soam propositais. A figura do líder (Jair Messias Bolsonaro) acima de Roberto Alvim, a cruz à sua esquerda e a bandeira à sua direita refletem elementos centrais também presentes nos movimentos totalitários analisados - a figura do líder; o nacionalismo exacerbado; e a ligação entre religião e política.

Além do uso do leite como uma possível referência às teorias raciais envolvendo a

intolerância dos negros à lactose, também existem outros símbolos neonazistas que podemos analisar presentes tanto no Bolsonaro, quanto nos membros de seu governo. Por exemplo, o gesto em apologia à supremacia branca feito pelo assessor internacional da presidência em 2021, Felipe Martins. Esse gesto é utilizado como forma de identificação por parte do movimento supremacista branco, sendo mais comum nos Estados Unidos. O símbolo forma duas letras, “W” e “P”, que em conjunto significam “White Power” ou “Poder Branco” em português. A utilização desse gesto por parte de Felipe Martins aconteceu durante uma sessão no Senado. (Martins, 2021)

Figura 7: Felipe Martins fazendo gesto do símbolo Dog Whistle durante a uma sessão do Senado



Fonte: TV Senado, 2020

O símbolo conhecido como “Dog Whistle” é utilizado para simbolizar o “white power” ou “poder branco”. Esse gesto de “ok” foi ressignificado pela extrema-direita como forma de comunicação entre os supremacistas brancos. Um exemplo mais extremo da utilização deste símbolo é o uso dele pelo neonazista Brenton Tarrant, que foi responsável pela morte de 49 pessoas após realizar ataques em duas mesquitas na Nova Zelândia. (Veja, 2019).

Figura 8: Brenton Tarrant, acusado de assassinato, fazendo um sinal para a câmera durante sua aparição no Tribunal Distrital de Christchurch na Nova Zelândia.



Fonte: Mark Mitchell/New Zealand Herald/Pool/Reuters.

Outra personagem caricata do governo Bolsonaro, ex-Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Damare Alves. Suas falas e declarações sempre soaram ao público nutridas de fundamentalismo religioso no que diz respeito à moralidade e, acima disso, desfiguravam a ética em favor de sua moralidade, isto é, o certo e errado são aquilo que as crenças dizem, não a lei. Um exemplo claro desse fato é, por exemplo, a utilização do termo “crime” ao se referir ao aborto e, ainda pior, sua denúncia para o Ministério Público em desfavor à reportagem sobre aborto seguro, da revista Azmina. (Azmina, Equipe Azmina, 2019)

Um dos filhos de Jair Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro, que já fez diversas declarações conservadoras, já deixou claro sua visão acerca do “inimigo” comunista, ao tentar criar um projeto de lei do qual criminaliza a apologia ao comunismo. O problema maior, nesse caso, vai além do que, de fato, é comunismo, já que o problema real é o que os próprios bolsonaristas acreditam que seja comunismo, apesar de, muitas vezes, não apoiarem suas respostas em boas bases teóricas. Eduardo Bolsonaro, que ainda exerce muita influência no meio bolsonarista, já chegou a comparar professores com traficantes, ao dizer que “Não tem diferença de um professor doutrinador para um traficante que tenta sequestrar e levar os nossos filhos para o mundo do crime.” e ainda completa dizendo que “Talvez até o professor doutrinador seja ainda pior[...]”. (Cnn, Lopes, 2023)

O vice-presidente no período de governança do governo Bolsonaro, General Hamilton Mourão, também foi uma figura que teve seus holofotes durante o governo. Seu conservadorismo chega até o ápice do saudosismo quanto ao militarismo no Brasil, que se encontra na exaltação do dia 31 de março de 1964, quando o nosso país sofreu um golpe militar que se sucedeu em uma longa ditadura com diversos abusos de poder e censuras da mídia. Quanto ao golpe, Mourão disse, em 31 de março de 2024, que “A história não se apaga e nem

se reescreve, em 31 de março de 1964 a nação se salvou a si mesma!”. (Correio Brasiliense, Dornelas, 2024)

2.9 O perigo nas semelhanças do bolsonarismo com o fascismo e integralismo

Quando nos voltamos a movimentos de massa liderados por figuras carismáticas, devemos nos atentar aos detalhes de seus discursos, isto é, nas entrelinhas das suas ações e no que elas representam. O uso dos símbolos e do discurso para alimentar o ódio; a criação de bordões nacionalistas e excludentes. (Reich, 1993)

A população brasileira, como vimos, é uma população que carece de compreensão acerca da sua própria cidadania. Sem compreensão sobre o que é cidadania, não há a possibilidade da compreensão de seus direitos plenos, tendo estes que ser cedidos. Essa falta de compreensão quanto da população brasileira quanto à sua cidadania, abre espaço para que figuras messiânicas apareçam na política. (Carvalho, 2001)

Levando isso em conta, o discurso gerado deve atender às expectativas do público, não importando verdadeiramente se o mesmo se baseia em fatos verídicos. A moralidade é revertida através da religião; do sentimento de nacionalismo; e da moralidade construída através da “família tradicional”, seguindo os padrões do “Cidadão de bem”. (Jesus, 2019)

Outra semelhança que encontramos quanto ao fascismo, é o que fez Bolsonaro em relação à pandemia de Covid-19, quando estava no poder. A semelhança não se dá nos acontecimentos em si, mas sim na postura despreocupada quanto aos anseios da população e também pela proliferação de notícias fantasiosas. Nesse caso, o ex-presidente eleito não possuía o controle total dos veículos midiáticos como os fascistas ou os nazistas e, apesar disso, ainda conseguiu proliferar notícias falsas quanto ao efeito dos “medicamentos” por ele indicados em prol do combate à doença. Não podemos comparar essas atitudes com o integralismo por sabermos que o movimento nunca conseguiu ter forças para se instaurar como um regime, de fato. (Paxton, 2004)

A doença Covid-19 já matou mais de 700 mil pessoas no país, um dano que poderia ter sido bem menor caso o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro fosse mais reativo quanto à proliferação da doença. Mas, ao contrário disso, a sua postura foi de completa descrença quanto ao perigo da doença, desincentivando a população quanto à eficácia da vacina, que foi

comprovada cientificamente, além de também criticar fortemente as medidas de isolamento social das quais estavam sendo aplicadas durante a época de pico da proliferação da doença. O ex-presidente eleito também ignorou diversas propostas de empresas das vacinas, como a Pfizer, por exemplo, tendo sido duramente criticado após a descoberta de sua falta de resposta quanto às propostas. (Calgaro, 2021)

Paralelo a isso, quanto aos acontecimentos de 8 de janeiro de 2023, compreende-se que o fanatismo é, em suma, a problemática maior quando se trata de uma população que talvez se reconheça juntamente enquanto povo, mas não observam-se como cidadãos. O discurso dos líderes do movimento bolsonarista, do “inimigo comunista”, funciona como um vetor de ódio quanto à oposição direta, a esquerda. E esse discurso é funcional ao ponto da vitória do concorrente direto da direita bolsonarista ser vista como anti-democrática pelos opositores, que ao fazerem uma passeata de protesto, a priori, pacífica, finalizam a passeata com invasões ao Congresso Nacional, Supremo Tribunal de Justiça (STF) e Palácio do Planalto. (Carvalho, 2001)

O racismo travestido de empatia por “equidade” também nos é pertinente, se focarmos nos discursos contrário às cotas raciais, tal qual seus discursos contra a comunidade quilombola. Não há como negar suas falas realizadas por gravações de entrevistas. Bolsonaro chegou a ofender diretamente um apoiador negro que, ao falar que foi levantado por parte da multidão, o ex-presidente ironizou a situação, dizendo que o rapaz levantado possuía “mais de 7 arrobas”. (UOL, 2022)

Quanto à opinião de Bolsonaro em desfavor às cotas, seu discurso se alicerça na ideia de que “somos todos iguais”, logo, não deve haver uma cota apenas pela diferenciação de cor entre as pessoas. Porém, quando observamos as estratégias discursivas deste governo mais de perto, podemos compreender parte do problema. Por exemplo, o ex-presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, chegou a atacar verbalmente a figura de Zumbi dos Palmares. (Trevisan, 2021)

Além dessa atitude duvidosa dentro de seu próprio governo no que toca às tentativas de negar o racismo estrutural que há em nosso país, Bolsonaro também já chegou a ofender símbolos de resistência negra. O símbolo em questão foi o black power. O ex-presidente eleito chamou o cabelo de um apoiador negro de “criador de baratas” e, apesar da fala ofensiva de Bolsonaro, o garoto enalteceu a meritocracia e afirmou não ser um “negro vitimista”. (UOL, 2021)

Podemos observar que, como dito anteriormente, não importam estatísticas, mas sim, o

carisma e o discurso em prol da verdade de seu mito (Jesus, 2019). Mesmo após ter sido diretamente ofendido a nível de desrespeito à sua própria cultura, esse apoiador fez questão de converter a ofensa em um discurso que nega o racismo estrutural e, em suma, enaltece a meritocracia acima da garantia plena de direitos que já deveriam ser dos cidadãos por direito desde o seu nascimento. (Carvalho, 2001)

A aproximação ideológica do Bolsonarismo para com o fascismo e o integralismo se mostra clara partindo de seu *modus operandi*, carregando semelhanças bem reconhecíveis e, até mesmo referências diretas a discursos de cunho fascista ou feitos por fascistas. A fórmula populista se encontra em pleno exercício quando tratamos do bolsonarismo, se considerarmos que, em primeira instância, o que importa é a aproximação e, sobretudo, a aceitação dos seguidores quanto às ideias do movimento. (Jesus, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fascismo, apesar de ter sido um regime mais conhecido pela sua existência na Itália de Benito Mussolini, ainda assim, nos deixou um legado ruim de ideias que ainda perpetuam em certos movimentos de extrema direita ao redor do mundo inteiro. O integralismo e o bolsonarismo são exemplos de como os ideais fascistas não se findaram por completo.

O cuidado para com a tradução do que seria um movimento ou regime fascista, é essencial para que não tropeçemos em comparações errôneas. As influências nazistas e fascistas dos dois demais movimentos foram evidenciadas por meio de fatos explícitos, com atos e discursos realizados pelos próprios líderes e seus respectivos membros de seus movimentos.

Levando isso em conta, é importante deixar claro, novamente, que a análise do fascismo não deve ser vista como única e imutável. Esta é uma das várias formas de observar esse movimento, que foi pertinente para a botar em cheque as suas influências em outros dois movimentos. O fascismo possui muitas nuances e formas de ser observado, afinal, ele não aconteceu apenas na Itália e, certamente, suas influências ainda são maiores do que caberiam em apenas um artigo específico.

O uso de fontes jornalísticas para a análise da história do presente foi de extrema importância. Inclusive, em parte dessas fontes, podemos observar alguns vídeos dos quais tornam inegável a existência de certos atos e discursos. A referência teórica junto ao corpo de notícias é de suma importância para que percebamos as semelhanças entre esses diferentes movimentos.

A compreensão dos símbolos fascistas no integralismo se deu pela sua própria influência e pelo financiamento direto por parte da embaixada Italiana. Mas conseguimos observar semelhanças em seu *modus operandi* com viés populista (tal qual é o do bolsonarismo), além dos símbolos e lemas que foram inspirados no fascismo italiano. O integralismo foi um movimento com fortes tendências anticomunistas; e um tremendo saudosismo militar; além de ter sido influenciado pela crença fascista de que o Estado deve ser autoritário.

Diferente do fascismo, o integralismo teve um fim mais brando, nunca tendo chegado verdadeiramente ao poder. Apesar de suas investidas, o integralismo nunca possuía força o suficiente para que pudesse vir a ascender enquanto regime totalitário no Brasil. Todavia, cabe a nós compreendermos que as influências fascistas dentro deste movimento existiram e, apesar da sua falta de força, o integralismo possuía muitos adeptos às suas ideias e teve até mesmo desfiles públicos, como foi mostrado.

Vimos que a falta de compreensão do que é cidadania, apesar da mesma estar garantida em nossa Constituição Federal, é resultado de uma história de opressões tanto no sentido eleitoral, quanto no sentido direto contra determinadas classes, cores e sexos. A democracia tardia, junto à falta de conhecimento popular acerca da sua própria Constituição, são elementos que se relacionam diretamente com a necessidade de salvação por meio de figuras políticas.

Essas figuras políticas, por sua vez, embasam seus discursos nas necessidades populares. O discurso não se fixa em verdades ou realidades, mas sim nos próprios anseios populares, sendo capazes de moldar essa massa populacional por meio do ódio gerado aos seus inimigos criados - os culpados das possíveis crises políticas, econômicas e etc.

Para além do fascismo e do integralismo, quando tratamos do governo Bolsonaro, devemos nos atentar também ao que é o “cidadão de bem”. Esse conceito foi uma das bases para a vitória do ex-presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro, que apoiou seu discurso em um viés moral religioso, exaltando o nacionalismo, o militarismo e os “bons costumes” desses cidadãos de bem. Esses sujeitos são reflexo da dominação ideológica dos setores conservadores.

Fica-se entendido que, a partir do corpo teórico e dos fatos elucidados, podemos concluir que os símbolos fascistas, integralistas e até mesmo nazistas, foram e ainda continuam sendo muito utilizados pelos líderes do movimento bolsonarista. A proliferação de fake news, juntamente ao comportamento neofascista no que diz respeito ao uso da moralidade, da religião e do nacionalismo nos fazem compreender que não são apenas coincidências. Uma coincidência pode acontecer uma, ou até duas vezes, mas as semelhanças do bolsonarismo com estes movimentos totalitários estão longe de ser inocentes coincidências. O flerte direto com a ideia de que a oposição é, necessariamente, um inimigo; a falta de diálogo e o incentivo ao uso da violência; as apologias diretas ao integralismo, fascismo e nazismo; o discurso salvacionista para um povo que não tem compreensão clara de seus direitos, ou seja, a criação de uma figura messiânica - de um mito -, nenhuma dessas atitudes foram obras do acaso. O governo Bolsonaro utilizou de maneira consciente suas referências fascistas, na tentativa de emergir ao poder e instaurar, cada vez mais, suas medidas e ideias igualmente totalitárias.

Não devemos esquecer, muito menos perdoar nenhum tipo de absurdo dentro os diversos absurdos existentes a partir de movimentos totalitários. Devemos sempre reprimir e repreender qualquer mínima “coincidência” ou flerte com ideias fascistas dentro de um governo. Qualquer tipo de movimento totalitarista nunca deve ser aceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMÂNCIO. **Considerações sobre a ofensiva conservadora-religiosa na psicologia brasileira.** Revista Psicologia Política, v. 23, n. 57, 2023.

ANDRADE, Hanrrinkson. **Bolsonaro contraria a Constituição e diz que ‘minorias têm que se adequar’.** UOL, Brasília, 15 de julho de 2022. Disponível em: [Bolsonaro contraria Constituição e diz que minorias têm que se adequar \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/brasil/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-contraria-constituicao-e-diz-que-minorias-tem-que-se-adequar/)

Ao beber leite, Bolsonaro é acusado de fazer apologia ao nazismo. Pnb online, 29 de maio de 2020. Disponível em: [Ao beber leite, Bolsonaro é acusado de fazer apologia ao nazismo - PNB Online - Portal de Notícias MT](https://pnbonline.com.br/ao-beber-leite-bolsonaro-e-acusado-de-fazer-apologia-ao-nazismo/)

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo.** Ed. Companhia de Bolso, 2013.

Atirador de ataques a mesquitas na Nova Zelândia é levado a tribunal. Revista Veja, 16 de março de 2019. Disponível em: [Atirador de ataques a mesquitas na Nova Zelândia é... | VEJA \(abril.com.br\)](https://www.veja.abril.com.br/2019/03/16/ataques-a-mesquitas-na-nova-zelandia/)

AZMINA. **Damare ataca Azmina. Não vamos recuar.** Azmina, 20 de setembro de 2019. Disponível em: [Damare ataca AzMina. Não vamos recuar - AzMina](https://www.azmina.com.br/damare-ataca-azmina-nao-vamos-recuar/)

BARBOSA, Jeffeson Rodrigues. **A ASCENSÃO DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (1932 - 1937).** Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 6, n. 1/2/3, p.67-81, 2006.

BARRUCHO, Luís. **‘Enquanto me dava choques, Ustra me batia com cipó e gritava’, diz torturado aos 19 anos.** BBC Brasil, Londres, 19 de Abril de 2016. Disponível em: [‘Enquanto me dava choques, Ustra me batia com cipó e gritava’, diz torturado aos 19 anos - BBC News Brasil](https://www.bbc.com/brasil/geral/2016/04/160419_ustra_torturado_19_anos)

BOBBIO, Norberto. **Dicionário de Política.** Tradução: Carmen C. Varriale et al. Brasília: Editora UnB. 11ª Edição. 2008.

Bolsonaro faz comentário racista sobre cabelo crespo: ‘Criador de baratas’. Uol, São Paulo, 08 de julho de 2021, Sessão de Política. Disponível em: [Bolsonaro faz comentário racista sobre cabelo crespo de apoiador \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/brasil/ultimas-noticias/2021/07/08/bolsonaro-faz-comentario-racista-sobre-cabelo-crespo-de-apoiador/)

Bolsonaro já defendeu estudantes que admiravam Hittler. Preto no Branco, 21 de Janeiro de 2020. Disponível em: [Bolsonaro já defendeu estudantes que admiravam Hitler | Preto no Branco](https://pretonobranco.com.br/bolsonaro-ja-defendeu-estudantes-que-admiravam-hitler/)

Bolsonaro pergunta se apoiador negro pesa ‘mais de sete arrobas’ e ironiza. Uol, São Paulo, 12 de maio de 2022, Sessão de eleições. Disponível em: [Bolsonaro ironiza apoiador negro: ‘Tu pesa mais de sete arrobas, né?’ \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/brasil/ultimas-noticias/2022/05/12/bolsonaro-ironiza-apoiador-negro-tu-pesa-mais-de-sete-arrobas-ne/)

‘Brasil acima de tudo’: conheça a origem do slogan de Bolsonaro. Gazeta do Povo, 24 de outubro de 2018, Sessão de Política/República. Disponível em: [A origem do slogan de Bolsonaro: Brasil acima de tudo \(gazetadopovo.com.br\)](https://www.gazetadopovo.com.br/brasil/origem-do-slogan-de-bolsonaro-brasil-acima-de-tudo/)

BURBULHAN, Talita. **Vídeo em que Bolsonaro é chamado de ‘mito’ é de Brasília, não de Buenos Aires.** Estadão, 14 de dezembro de 2023. Disponível em: [Vídeo em que Bolsonaro é chamado de ‘mito’ é de Brasília, não de Buenos Aires - Estadão \(estadao.com.br\)](https://www.estadao.com.br/brasil/video-em-que-bolsonaro-e-chamado-de-mito-e-de-brasilia-nao-de-buenos-aires/)

CALGARO, Fernanda. **Governo Bolsonaro e as vacinas contra a Covid: veja a cronologia e**

entenda as polêmicas. G1, 17 de julho de 2021, Sessão de Bem Estar. Disponível em: [Governo Bolsonaro e as vacinas contra a Covid: veja a cronologia e entenda as polêmicas | Coronavírus | G1 \(globo.com\)](#)

CASALI, Cláudio Tavares. **“BRASIL, ACIMA DE TUDO”**. Disponível em: [Microsoft Word - Centelha Nativista 3 \(eb.mil.br\)](#)

CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do tempo presente.** Tradução: Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO: O DOGMA DO SIGMA.** Editora UFJF, 2021.

COGGIOLA, Osvaldo. **150 ANOS DO MANIFESTO COMUNISTA.** Ed. Boitempo Editorial. 1998.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial.** Revista Brasileira de História, v. 22, 2002.

DE CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil. O longo caminho.** v. 18, 2001. JESUS, Samuel de. **Ecos do autoritarismo.** Ed. oeste, 2019.

DIAS, Gabriel. **‘Deus, Pátria, Família’: de onde veio o lema fascista usado por Bolsonaro?.** Uol, 29 de agosto de 2022, Sessão de eleições. Disponível em: [Deus, Pátria, Família: lema de Bolsonaro tem origem fascista \(uol.com.br\)](#)

DORNELAS, Helena. **Mourão volta a exaltar dia do golpe militar “A nação se salvou a si mesma”.** Correio Brasiliense, 31 de março de 2024, Sessão de Política. Disponível em: [Mourão volta a exaltar dia do golpe militar: 'A nação se salvou a si mesma' \(correiobrasiliense.com.br\)](#)

ECO, Umberto. **O fascismo eterno.** Tradução: Eliana Aguiar. Editora Record, 2018.

Eduardo Bolsonaro compara professores a traficantes; PF deve analisar fala. Cnn, 10 de julho de 2023, Sessão de política. Disponível em: [Eduardo Bolsonaro compara professores a traficantes; PF deve analisar fala | CNN Brasil](#)

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002

FAGUNDES, Pedro Ernesto. **Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB).** Varia História, v. 28, p. 889-909, 2012.

GARCIA, Rafaela Pires. **"Le camicie nere e os camisas verdes: o legado da inspiração fascista no pensamento político da extrema direita brasileira e as afrontas ao estado democrático de direito."** dspace.unipampa.edu.br (2023).

GUIMARÃES, Saulo Pereira. **8 de janeiro teve passeata, confronto e invasão de prédios; veja cronologia.** UOL, Brasília, 08 de janeiro de 2024. Sessão de Política. Disponível em: [8 de janeiro teve passeata, confronto e invasão; veja cronologia \(uol.com.br\)](#)

Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo.** Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977. SILVA,

Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA; Maurício (orgs).

LONGO, Ivan. **“Brasil acima de tudo”**: Slogan de Bolsonaro faz referência ao da Alemanha Nazista. Revista Fórum, 09 de outubro de 2018, Sessão de Política. Disponível em: ["Brasil acima de tudo": Slogan de Bolsonaro faz referência ao da Alemanha nazista | Revista Fórum \(revistaforum.com.br\)](https://revistaforum.com.br/brasil-acima-de-tudo-slogan-de-bolsonaro-faz-referencia-ao-da-alemanha-nazista)

MALVA, Pamela. **O leite como símbolo do neonazismo**. Aventuras na História, 28 de junho de 2020. Disponível em: [O leite como símbolo do neonazismo \(aventurasnahistoria.com.br\)](https://aventurasnahistoria.com.br/o-leite-como-simbolo-do-neonazismo)

MARTINS, Filipe. **Jutiça aceita denúncia, e Felipe Martins vira réu acusado de gesto racista**. UOL, São Paulo, 23 de junho de 2021, Sessão de Política. Disponível em: [Filipe Martins vira réu acusado de gesto racista \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/filipe-martins-vira-reu-acusado-de-gesto-racista)

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **MANIFESTO COMUNISTA**. Tradução: Álvaro Pina. Ed. Boitempo Editorial, 1998.

MONTELEONE, Joana. Leite, racismo e neonazismo. Brasil de Fato, 12 de junho de 2020. Disponível em: [Coluna | Leite, racismo e neonazismo | Brasil de Fato](https://brasildefato.com.br/coluna/leite-racismo-e-neonazismo)

NOBRE, Noéli. **Projeto criminaliza apologia ao comunismo**. Câmara dos deputados, 24 de julho de 2017. Disponível em: [Projeto criminaliza apologia ao comunismo - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](https://camara.leg.br/noticias/projeto-criminaliza-apologia-ao-comunismo)

ORWELL, George. **O que é fascismo?: E outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

PAXTON, Robert O. **A ANATOMIA DO FASCISMO**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres.

PEDRO, Antonio Fernando Pinheiro. **GESTOS E SINAIS FLERTAM COM O PERIGO**. Dazibao, 25 de março de 2021. Disponível em: [GESTOS E SINAIS FLERTAM COM O PERIGO | Dazibao Mural Eletrônico](https://dazibao.com.br/gestos-e-sinais-flertam-com-o-perigo)

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Tradução: Maria da Graça M. Macedo. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

RICUPERO, Bernardo. **O que foi o 8 de Janeiro?**. Jornal da USP, São Paulo, 08 de janeiro de 2024. Sessão de Artigos. Disponível em: [O que foi o 8 de janeiro? – Jornal da USP](https://jornal.usp.br/o-que-foi-o-8-de-janeiro)

Roberto Alvim diz desconfiar de “ação satânica” por trás de vídeo e sua demissão. Folha de São Paulo, 20 de janeiro de 2020. Disponível em: [Roberto Alvim diz desconfiar de 'ação satânica' por trás de vídeo e de sua demissão - 20/01/2020 - Ilustrada - Folha \(uol.com.br\)](https://www.folha.com.br/roberto-alvim-diz-desconfiar-de-acao-satanica-por-tras-de-video-e-de-sua-demissao-20-01-2020-illustrada-folha)

SACONI, João Paulo. **Entenda: Por que o copo de Leite na live de Bolsonaro provocou controvérsia**. O globo, 01 de janeiro de 2020. Disponível em: [Entenda: por que o copo de leite na live de Bolsonaro provocou controvérsia | Sonar - A Escuta das Redes - O Globo](https://globo.com/entenda-por-que-o-copo-de-leite-na-live-de-bolsonaro-provocou-controversia-sonar-a-escuta-das-redes-o-globo)

SCHWARCZ, Lilia M., STARLING, Heloisa M. **Brasil: Uma Biografia**. 2º ed., São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido. El País, 17 de janeiro de 2020, Sessão: Brasil. Disponível em: [Roberto Alvim: Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido | Atualidade | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#)

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio à Castello (1930-64)**. Tradução: Berilo Vargas. Ed. Companhia das Letras, 2013.

SOARES, Ingrid. **Bolsonaro volta a negar racismo e diz: "sempre questioneei a questão de cotas"**. Correio braziliense, 08 de abril de 2021, Sessão de política. Disponível em: [Bolsonaro volta a negar racismo e diz: "sempre questioneei a questão de cotas" \(correio braziliense.com.br\)](#)

SOUZA, Alexandre Nogueira. **Os impactos sociopolíticos causados pelos regimes totalitários no século XX**. repositorio.ufu.br, 2020.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva; CATTO, Gabriel; CRUZ, Murilo Galvão
SPECIA, Megan. **Can the Holocaust be Forgiven? Bolsonaro says Yes, Drawing Israelis' Ire**. New York Times, 13 de abril de 2019, Sessão World. Disponível em: [Can the Holocaust Be Forgiven? Bolsonaro Says Yes, Drawing Israelis' Ire - The New York Times \(nytimes.com\)](#)

TREVISAN, Maria Carolina. **Como funciona lógica bolsonarista de colocar negros a favor de seu discurso**. Uol, 16 de julho de 2021. Disponível em: [O racismo bolsonarista e o bolsonarismo negro \(uol.com.br\)](#)

TRINDADE, Hégio. **A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas**. Editora da UFRGS, 2016.

WITHEY, Josh. **White supremacists drinking milk took over LaBeouf, Rönkkö & Turner's art project and shut it down**. Indy100, 12 de fevereiro de 2017. Disponível em: [White supremacists drinking milk took over LaBeouf, Rönkkö & Turner's art project and shut it down | indy100 | indy100](#)